



Bom gosto e prestígio em um suplemento cultural
a lógica do *Caderno de Sábado do Correio do Povo* em seu próprio discurso
(Porto Alegre, 1967-1981)¹

Everton Terres CARDOSO²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS
Centro Universitário Metodista, RS

RESUMO

Este artigo pretende problematizar a imagem que os suplementos semanais de cultura criam de si mesmos e como esse processo contribui para a construção da identidade do periódico que os abriga, já que estes se encontram numa zona de interseção entre os campos jornalístico e da produção cultural. Sendo o jornalismo uma forma de conhecimento e de textualização da realidade, acaba por adquirir uma função de nomear e reconhecer a produção intelectual e artística, enquanto que o campo de produção encontra no jornalismo um lugar de visibilidade. Nessa dinâmica, o exemplo do *Caderno de Sábado do Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981) é bastante elucidativo, pois, sem dar retorno publicitário para o jornal, servia para agregar-lhe poder simbólico. Para detectar tal viés, foi utilizada a Análise de Discurso de linha francesa em textos onde o suplemento fala de si a fim de perceber que imagem deixava transparecer.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo cultural. Suplemento. Prestígio. *Caderno de Sábado. Correio do Povo.*

1 Introdução³

O jornalismo cultural oferece ao público um conteúdo que, além de cumprir propósitos de divulgação, contribui para a formação de apreciadores e consumidores da produção artística, literária e intelectual. Ao apresentar um retrato do que se produz em determinado período, esse fazer jornalístico constitui-se, pois, em uma instância de mediação e fornece referências para a aferição de qualidade dos produtos artísticos e intelectuais (GOLIN; CARDOSO, 2010). É um território em que a prática jornalística tem suas fronteiras alargadas e inclui desde as editorias e cadernos diários de cultura até revistas especializadas e mesmo novos formatos surgidos a partir das redes digitais (RIVERA, 1994; GADINI, 2009).

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestre em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS, docente nos cursos de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, São Leopoldo, RS) e do Centro Universitário Metodista, do IPA (Porto Alegre, RS), email: cardoso.everton@hotmail.com.

³ Este artigo deriva da dissertação *Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1969)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 30 de abril de 2009.



O jornalismo é uma forma de conhecimento da realidade (MEDITSCH, 1997) cujo capital simbólico é a credibilidade, que lhe confere a possibilidade de incluir ou excluir, de legitimar ou não, seja no reforço da tradição, seja na revelação de novas perspectivas (BERGER, 1996; 1998). Em razão dessa característica, os jornais se posicionam como lugares de consagração que participam do processo de construção da imagem de sujeitos e instituições no campo da produção cultural e, por isso, precisam eles também de reconhecimento. Em vista disso, a presença dos suplementos dedicados à produção artística e intelectual torna-se importante para o processo de auto-afirmação e a consequente legitimação do periódico como veículo de poder, pois esse tipo de encarte dirige-se a um público socialmente distinto enquanto dá visibilidade e faz circular a produção artística e intelectual.

Considerando essas particularidades, o presente artigo problematiza a imagem que os suplementos semanais de cultura criam de si mesmos e como esse processo contribui para a construção da identidade do periódico que os abriga. Com o fim de compreender como essa dinâmica é enunciada pela publicação, traz-se aqui um estudo dos textos editoriais em que o *Caderno de Sábado (Correio do Povo, Porto Alegre, 1967-1981)* fala de si. Por meio da Análise de Discurso de linha francesa (BENETTI, 2007), é possível perceber quais sentidos transparecem nesses textos e que perfil o suplemento procura delinear de si mesmo ante seu público leitor. Além disso, servem de apoio para a elaboração dessas inferências a configuração dos suplementos no Brasil a partir dos anos 1950, dados relativos à história do *Correio do Povo* e as características mais gerais do *Caderno*.

2 Suplementos culturais e sua lógica

Os suplementos literários e culturais se configuraram no Brasil nos anos 1950 e parecem ter sua origem ligada aos rodapés e folhetins dos jornais nas últimas décadas do século XIX, e às revistas ilustradas e cadernos e páginas femininas que foram se estruturando no decorrer do século XX. É possível dizer que o paradigma em termos de encartes semanais de cultura surgiu em 1956: o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de São Paulo*. Com projeto visual do artista plástico Ítalo Bianchi e editorial de Antonio Candido, tinha poucos anúncios e servia principalmente para trazer prestígio ao jornal que a veiculava. Por ter abrigado as ideias da intelectualidade paulista daquele período, traduzia uma visão de erudição e ilustração como um ideal a ser alcançado pela parcela mais refinada das classes médias urbanas (LORENZOTTI, 2007).

Para descrever os suplementos dessa época, Sant’Anna (2001) apresenta algumas características que, segundo ele, eram comuns a todos: eram dirigidos por escritores, não por jornalistas; publicavam poemas, contos, críticas e ensaios; davam ênfase à literatura nacional; traziam mais textos que imagens; e normalmente tinham um crítico de renome responsável pela “crítica de rodapé”.

Veículos mistos, cujo formato oscilava entre o colunismo e a revista literária (SÜSSEKIND, 2003), os suplementos tiveram como fatores determinantes para sua configuração a periodicidade de publicação, o espaço dado para textos mais longos e elaborados, e o perfil dos autores que ali publicavam (SILVA, 1998). Abreu (1996), ao analisar os conteúdos publicados pelos encartes semanais de cultura surgidos nos anos 1950, divide-os em dois grupos principais: aqueles com caráter mais informativo, mais voltados para eventos e acontecimentos do campo da produção cultural; e os que enfocavam a divulgação de ideias, alguns com foco voltado para o canônico, outros para o inovador.

Em geral, esses veículos estabeleciam uma relação quase fetichista com seus leitores, tão fiéis ao ponto de colecionarem as edições. Silva (1998) vê nos folhetins em série a origem desse hábito, quando era comum que as pessoas recortassem os rodapés para guardá-los em sua coleção. O *Caderno de Sábado do Correio do Povo*, surgido em 1967, foi exemplar nesse sentido: editava semestralmente um índice de seus textos e autores que agrupava as edições em volumes. Por essa relação estabelecida com os leitores, os suplementos congregavam os intelectuais da época. Juntamente com cafés, salões, editoras e revistas literárias, formaram redes de sociabilidade e foram cruciais para a formação do campo intelectual brasileiro, já que aí se cruzaram várias gerações de pensadores (ABREU, 1996).

Tal como propõe Santiago (2004), os suplementos culturais representam um espaço de que o jornal prescinde, pois trazem conteúdo sem o qual o jornal continuaria completo. Nessa espécie de “algo a mais” que o leitor recebe com o seu jornal é que está reservado o espaço para o escritor, a literatura e as artes. São leituras para um tempo de lazer aproveitado de maneira “inteligente”. Essa perspectiva do tempo livre ocupado com o cultivo, se associada à distinção tal como proposta por Bourdieu (2007), deixa transparecer nos suplementos a tentativa de formar o leitor no que se refere à sua competência artística ou cultural, ou seja, pretende ensiná-lo a apreciar de maneira adequada as obras de arte legítimas – ou mesmo o conhecimento já legitimado.



Por associarem a cultura à formação do sujeito por meio da leitura e do contato com as letras, artes e humanidades, os suplementos não parecem querer falar a todos os leitores de um jornal. Têm uma especialização proporcional ao seu caráter complementar dentro do corpo total da publicação. Tanto é que, a partir dos meados da década de 1960, passaram por modificações profundas, que visavam levá-los ao “leitor comum”, diminuir a distância entre o jornalismo de cultura e a maior parte público médio, que estava distante do gosto legítimo e distinto.

A pouca quantidade ou mesmo a ausência completa de publicidade nos suplementos também se deve ao ideário de ilustração dos leitores. Ao analisar suplementos culturais no início do século XXI, Travancas (2001) aponta para o fato de não trazerem praticamente retorno financeiro algum para os diários, mesma lógica dos suplementos de outras épocas, já que tampouco tinham espaço para anúncios. Eles denegam o interesse econômico das empresas jornalísticas ao abrir espaço para a produção intelectual e artística sem obter retorno financeiro direto por meio desse espaço. São, pois, formas de obtenção de lucro suplementar, veem e são vistos como desinteressados e, portanto, nobres de espírito (BOURDIEU, 1983; 2008).

Os suplementos culturais semanais estão, por isso, inseridos em um processo em que a distinção parece ser um capital a ser dividido entre os agentes envolvidos em sua produção, montagem e circulação: o jornalismo toma para si o poder da assinatura de certos artistas e instituições para legitimar-se; artistas e instituições usam a visibilidade da mídia para dar maior alcance à sua assinatura; e o leitor/espectador busca prestígio ao obter a informação em determinados veículos especializados ao mesmo tempo que acaba por qualificar a publicação.

Se no centro do país os suplementos viveram seu auge nos anos 1950, no Rio Grande do Sul é somente em 1967 que surge a primeira publicação do gênero, o *Caderno de Sábado*. Tendo surgido uma década depois de seus antecessores paulistas e cariocas, o encarte do *Correio do Povo* parece ter suprido a necessidade local de um “desaguadouro” para a produção intelectual. Havia 10 anos deixara de circular a revista *Província*, da Editora Globo, e que servia, antes do suplemento, para fazer circular as ideias dos intelectuais locais e também para atualizar Porto Alegre com o pensamento e a produção artística de outros lugares.



3 Nova dimensão para a cultura em um grande jornal

O *Correio do Povo*, fundado em 1895, foi, no Rio Grande do Sul, pioneiro no jornalismo informativo moderno, independente do governo e de partidos políticos e com estrutura empresarial forte. Por esses traços, tinha uma “mística” ao redor de si mesmo criada pelo próprio veículo (RÜDIGER, 2003), o que lhe conferiu o posto de jornal de maior prestígio e poder no estado até 1984, ano em que deixou de circular temporariamente por dificuldades financeiras.

Essa imagem que a publicação procurava criar a respeito de si mesma era reforçada, por exemplo, pela tendência de associar nomes importantes da intelectualidade porto-alegrense ao periódico (GALVANI, 1995). Podiam ser encontrados nas páginas do jornal textos de nomes já consagrados na cena local e mesmo nacional, tais como Manoelito de Ornellas, Moysés Vellinho, Alcides Maya, Augusto Meyer, Raul Bopp, Viana Moog, Mario Quintana e Erico Verissimo. Além disso, a aproximação com o campo da produção cultural era uma postura estratégica do *Correio* para apropriar-se do prestígio advindo dessa instância da sociedade. É representativa dessa intenção a criação de uma galeria de arte no saguão principal do edifício-sede, no Centro de Porto Alegre, nas décadas de 1940 e 1950.

A veiculação de um suplemento dedicado à produção literária, artística e intelectual certamente daria ao *Correio do Povo* ainda mais poder simbólico, porém de uma outra forma. O *Caderno de Sábado* circulou entre 30 de setembro de 1967 e 10 de janeiro de 1981. Em tamanho tabloide e com 16 páginas, em média, foi responsável pela iniciação intelectual de mais de uma geração de sul-rio-grandenses. Entre os autores cujos textos foram aí publicados estão grandes nomes da cultura nacional – Clarice Lispector, Guilhermino Cesar, Carlos Drummond de Andrade – e até mesmo internacional, ainda que mais esporadicamente – Louis Althusser, Julio Cortázar, Kostas Axelos, entre outros. A nova geração que se consolidava em Porto Alegre naquele momento também recebeu espaço: Armindo Trevisan, José Hildebrando Dacanal, Antonio Hohlfeldt, Paixão Côrtes, entre outros.

No caso de um suplemento como o *Caderno de Sábado*, a adoção de um nome específico destaca-o do corpo principal do *Correio do Povo* ao mesmo tempo que lhe assegura coerência e continuidade ao reunir a coleção, a sucessão de edições (MOUILLAUD, 2002). Estas, aliás, foram indexadas por Fernando G. Sampaio para que os leitores pudessem transformá-las em volumes semestrais à moda de uma enciclopédia. Além disso, em um jogo dialético de sentido, o nome dá sentido aos

enunciados presentes na publicação; estes, por sua vez, preenchem-no. A opção pela denominação *Caderno de Sábado*, então, deixa bastante claro o posicionamento do veículo: é um caderno – portanto um suplemento à parte do corpo principal do jornal – e circula aos sábados, dia livre da semana que pode ser ocupado pela leitura mais extensa e aprofundada. Esse ideal transparece no posicionamento do veículo como uma enciclopédia de saberes que visa a formação cultural de seus leitores, conferindo sentido ao nome ao mesmo tempo que este traduz a política editorial. É importante ressaltar, também, que a denominação do suplemento sempre aparece encimada pelo nome do jornal, o que denota uma intenção de associar diretamente uma publicação à outra, criando um jogo de atribuição de valor recíproco.



Figura 1 – Capa da edição de 9 de novembro de 1968 do *Caderno de Sábado* com a configuração que se tornou típica: um poema combinado com a reprodução de uma obra de arte e a chamada para a exposição em que ela pode ser vista.

O histórico do *Correio do Povo* lhe dá a posição de jornal de maior importância no Rio Grande do Sul no século XX. A veiculação de um suplemento voltado para os temas culturais demonstra um movimento da empresa para reforçar esse lugar de prestígio diante de seu público leitor. Se o diário havia abrigado “os melhores nomes” da intelectualidade local e atuado como um “mecenas” na cidade até os meados dos anos 1960, a partir da criação do suplemento, o reconhecimento cultural e artístico do *Correio do Povo* passa a estar ligado ao *Caderno de Sábado*. O novo espaço fixo e ampliado que acompanha o periódico é que passa a conferir-lhe distinção ante as camadas mais educadas, eruditas e intelectualizadas da sociedade local e mesmo nacional.

Ainda que desse ênfase à literatura – seja pela publicação de poemas, contos e crônicas, seja pelos ensaios e artigos a respeito de temas ligados às letras –, O *Caderno de Sábado* constituiu-se em uma variada enciclopédia de saberes que visava a formação



cultural de seus leitores. Entre os demais temas de que trata, estavam a formação histórica do Rio Grande do Sul; a história mundial; a música erudita e popular; o patrimônio arquitetônico e artístico sul-riograndense; o circuito local de artes plásticas; a filosofia; o folclore regional; o teatro política e esteticamente engajado; as memórias de viagens de personalidades locais; a política internacional daquele momento; o cinema autoral; as ciências humanas e naturais; e a astronomia. Em meio ao ecletismo presente em suas páginas, alternavam-se o local e o cosmopolita, o atual e a memória (CARDOSO; GOLIN, 2009).

Tendo em vista que os maiores diários brasileiros já publicavam seus suplementos culturais havia uma década, a gênese do *Caderno de Sábado* corresponde a uma expectativa do leitor mais informado e que tinha contato os encartes de outros periódicos do centro do país. O *Correio do Povo* passou, então, a posicionar-se como um jornal preocupado com a veiculação de conteúdos de alto nível cultural – como já faziam seus semelhantes nacionais. Há, portanto, nessa iniciativa, uma intenção de assemelhar-se aos grandes, ou seja, o jornal porto-alegrense declara a seus leitores sua intenção de colocar-se entre os mais prestigiados do Brasil.

O aparecimento de um suplemento em que o conteúdo cultural é concentrado dá ao leitor uma ideia de que o jornal dedica um espaço maior a esses assuntos, antes dispersos em diversas editorias. O novo encarte concede mais visibilidade para os temas culturais, pois antes de ler o suplemento, era preciso retirá-lo do meio dos demais cadernos, dobrá-lo e montá-lo. Se considerarmos que um novo dispositivo em que o discurso é apresentado determina o seu sentido (MOUILLAUD, 2002), a transição dos espaços frequentes – porém dispersos e irregulares – para um “caderno” de cultura anuncia uma nova maneira de abordar os temas relativos ao campo da produção cultural: eles ganham mais espaço e uma nova dimensão no corpo do periódico.

A ausência de publicidade no suplemento também guarda uma relação estreita com esse “espaço maior” dado aos temas culturais, pretende mostrar o desinteresse do jornal em “tirar proveito” da cultura. É como se as artes, as letras e as humanidades – temas que servem para o cultivo da mente – não estivessem submetidas à dinâmica comercial. Dessa forma, o jornal diz a seus leitores que, ainda que seja uma empresa, tem objetivos nobres ligados à formação cultural de seu público. É uma mensagem afirmadora de seu poder simbólico expressa na denegação do interesse econômico.

Na perspectiva de que os suplementos manifestam a valorização do leitor pelo jornal (TRAVANCAS, 2001), o *Caderno de Sábado* demonstra apreço do *Correio do*



Povo por certo tipo de público. Intelectuais, artistas e acadêmicos, ao receberem o jornal com o novo suplemento, percebem um movimento do diário que os reconhece como leitores qualificados. Nesse sentido, o suplemento é um elogio àquele que lê o *Correio do Povo*. Lê-lo, conseqüentemente, adquire novo sentido e é sinal de cultura. Simultaneamente, o jornal, ao atrair esse público mais educado, qualifica-se, torna-se caro à intelectualidade porto-alegrense e mesmo nacional.

O *Caderno de Sábado*, então, consiste em um “espaço público de produção intelectual” (FARO, 2003) que oferece aos leitores a possibilidade de ter contato com temas, debates e reflexões que provavelmente não chegariam a suas mãos nas editorias diárias do periódico, mesmo considerando aquelas voltadas para a produção cultural. Em que jornal diário se esperaria encontrar artigos sobre correntes filosóficas como estruturalismo e existencialismo? Onde seria possível ler resenhas de discos e concertos de música erudita se não em veículos especializados? Que outro espaço é dado no corpo dos jornais para poemas e contos?

4 *Caderno de Sábado* e seu compromisso com os leitores

O jornalismo tem sua relação com o público baseada em um contrato comunicativo norteado pela criação de efeitos de verdade, ou seja, o uso de estratégias que dão ao leitor a sensação de que tudo o que é veiculado é uma verdade praticamente incontestável (CHARAUDEAU, 2006). No caso específico dos suplementos, esse compromisso com o público está marcado por um acordo que difere em alguns aspectos daquele estabelecido em outros tipos de jornalismo. Se o trabalho jornalístico do noticiário diário está ancorado em um processo de reportagem que tem a veracidade dos fatos como medida de qualidade do trabalho, nos suplementos semanais essa aferição tem relação estreita com a assinatura e a qualidade dos textos.

Essa distinção se dá, especialmente, pela lógica dos campos da produção cultural e intelectual: nessa instância, o criador mobiliza poder simbólico ao redor de seu nome. Nas páginas do suplemento, esses agentes acabam recebendo uma possibilidade de fazer repercutir de maneira amplificada a produção reconhecida ou em processo de consagração entre seus pares. No *Caderno de Sábado*, então, é possível perceber que esse movimento de afirmação está baseado na diversidade dos autores cujos textos foram selecionados: há trabalhos de intelectuais reconhecidos local, nacional e mesmo internacionalmente, o que é indício da qualidade do material publicado. Percebe-se, ainda, o cruzamento de diferentes gerações de intelectuais porto-alegrenses que se



sucederam no século XX, uma clara tentativa de trazer para as páginas da publicação o prestígio desses autores ao mesmo tempo em que ali figurava a nova geração que se afirmava naquele período.

Os índices relativos às 50 primeiras edições (volumes 1 e 2) também oferecem pistas para compreender o acordo feito com o público, já que o suplemento diz que veicula a indexação para atender a pedidos de leitores que colecionam os números publicados semanalmente. Percebe-se, portanto, que há uma expectativa de que existam colecionadores o suficiente para justificar a elaboração e a publicação de tais sumários. Essa mesma ideia é reforçada na edição 36, em junho de 1968, quando o *Caderno* começa a trazer um pequeno expediente que aparece junto ao número da edição no pé da página 2. Isso é feito, segundo nota veiculada na primeira vez em que esse recurso aparece, por causa do “elevado número de leitores que estão colecionando”.

Esse compromisso com o leitor que o coleciona, tal como apontado por Carvalho (1994), é reforçado ainda nas retificações feitas sempre que há erros de edição ou impressão – como no número 42 (03 de agosto de 1968). Na página 4 dessa edição se lê: “N. R. Reproduzimos este conto por ter saído, em nosso último caderno, com incorreções tipográficas que lhe mutilaram tanto o sentido como a qualidade literária”. Ou seja, o texto foi publicado novamente na íntegra, já que no *Caderno* anterior mais de 90 linhas haviam sido erroneamente inseridas no conto de Nilo Ruschel intitulado *Um pêssego para o Meritíssimo*.

Há ainda outra expressão do compromisso com o leitor que é mais explícita e surge em textos nos quais o suplemento fala de si mesmo. Ainda que não fossem publicados editoriais, há nas edições um conjunto de notas nas quais é possível perceber como o *Caderno* se apresentava a seus leitores e que imagem procurava criar ante eles.

5 *Caderno de Sábado* fala de si

Seguindo a tendência do jornal em que era encartado, o *Caderno de Sábado* também parecia preocupado em criar uma “mística” sobre si mesmo e posicionar-se, assim, de maneira distinta dentro do contexto porto-alegrense. Com a finalidade de perceber como se dava esse processo, ou seja, como o suplemento se apresentava, foram selecionados, no conjunto de suas edições, aqueles textos em que o veículo falava de si mesmo. Esses textos, em geral não assinados, podem ser divididos em grupos, segundo suas características e propósitos: a) textos comemorativos ao primeiro e segundo aniversários do *Caderno de Sábado*, em 1968 e 1969; b) textos das capas de algumas

edições cujo objetivo é apresentar e justificar a escolha da obra de arte ali reproduzida; c) pequenas notas que falam diretamente ao leitor; d) textos de apresentação de novas sessões e séries de artigos ou ensaios.

Para verificar os sentidos presentes nesses 41 textos, será utilizada a Análise de Discurso (AD) de linha francesa (BENETTI, 2007). Da amostra, foram selecionadas 49 sequências discursivas nas quais o *Caderno de Sábado* era mencionado. Os sentidos mais recorrentes foram reconhecidos e, então, as sequências foram agrupadas por semelhança. Sentidos nucleares construídos e consolidados por pequenos sentidos que os consolidam (BENETTI, 2007), as seis formações discursivas aqui numeradas receberam, então, nomes que sintetizassem o sentido nelas presente.

O primeiro grupo, aqui denominado *Caderno de bom gosto*, reúne sequências que geralmente estão presentes nas capas e justificam a presença de certas reproduções de obras de arte ou artistas no suplemento; explicam, pois, escolhas editoriais.

Dedicada à divulgação da cultura e da arte da Alemanha e do Brasil, “Humboldt publica no número 32 o conto de Jurgen Amann “O Sonho do Funâmbulo com a Queda Livre”, em tradução de Tereza Balté, usando como ilustrações cinco xilogravuras de cartazes de circo dos anos de 1800 a 1850, dentre as quais *selecionamos* para a capa desta edição do “Caderno de Sábado” a que podemos *admirar* acima. (04/12/1976)

Para capa deste caderno, colhemos na revista “Panorama”, n. 32/33, o *belo desenho original* de Nogueira da Silva, artista que viveu no século passado, no qual se tem uma vista da praça Luiz de Camões, em Lisboa, por ocasião da solenidade de colocação da pedra fundamental do monumento ao cantos dos Lusíadas. (18/12/1976)

Nos dois exemplos acima selecionados, pode-se perceber claramente o sentido de “bom gosto” do *Caderno* na seleção de imagens que ilustram suas capas, seja de forma explícita (“belo desenho original), seja através de verbos que denotem atitudes de reverência ante a obra (“admirar”) ou o cuidado na escolha (“selecionamos”). Percebe-se, portanto, a tentativa de mobilizar sentidos de distinção ao tratar das obras escolhidas, o que se configura como uma objetivação do refinamento da publicação, dessa forma classificando-a. Esta posiciona-se, então, como um lugar de classificação ao mesmo tempo que procura se afirmar ao fazê-lo.

Bons temas é outro núcleo de sentido, que predomina nas apresentações de edições especiais, números temáticos ou mesmo séries de textos. Nele estão incluídas sequências sobre os artistas ou produtores culturais que serviram de tema.



Como a vida do artista excede o domínio privado e *a importância de Edgar [Koetz] é indiscutível*, resolvemos estampar, neste “Caderno de Sábado”, a sua obra. (01/01/1977)

Este Caderno especial é dedicado ao *genial compositor campinense* [Carlos Gomes], *uma das maiores expressões da música operística mundial*. (28/07/1979)

Nos dois exemplos escolhidos para ilustrar esta formação discursiva, percebe-se claramente a utilização de recursos que reafirmam a notoriedade de Edgar Koetz e Carlos Gomes. São formas de afiançar a escolha do *Caderno* com a notoriedade do personagem dentro do campo de produção artístico-cultural. Visto que a assinatura de sujeito criador mobiliza ao redor de si poder simbólico (BOURDIEU, 1983), percebe-se um movimento por parte da publicação para apropriar-se desse prestígio para, então, legitimar-se diante de seus leitores.

Na perspectiva de colocar-se como veículo que trata de temas legítimos de maneira legítima, podem ser incluídos os sentidos aqui agrupados na formação discursiva intitulada *Suplemento de qualidade*.

Este suplemento, dedicado à França atual, trará possivelmente como maior surpresa a nossos leitores, o fato de *não apresentar visões generalizantes ou que abarquem contextos amplos*. (15/09/1978)

Olinto Sanmartin disse da *importância e valia* do Caderno de Sábado para a cultura rio-grandense. (26/10/1968)

No intento de enunciar-se como uma publicação que trata adequadamente dos assuntos escolhidos, o *Caderno* diz, então, tratar da França de maneira específica e aprofundada. “Importância e valia” são exemplos de substantivos que expressam a relevância no suplemento em sua época, ou melhor, que tratam de, no texto, deixar transparecer esse discurso de aprovação de um veículo de jornalismo cultural que tenta se colocar como prestigioso. Enfatiza, então, sua inserção na dinamização da cultura no Rio Grande do Sul. Percebe-se, então, uma dupla qualificação do suplemento: traz bom jornalismo cultural e atua na produção artística local.

Ao se colocar como um *Incentivador* das artes, como um encorajador de novos talentos, o *Caderno de Sábado* parece apresentar outra faceta sua: não só traz nomes já consagrados e a arte já canônica, mas também procura descobrir novos valores. Ao redor desta formação discursiva estão reunidos sentidos que mostram, além de uma



intenção de promover artistas ainda não consagrados, uma posição de estímulo ao debate sobre as artes.

O “Caderno de Sábado”, depois de uma interrupção de mais de ano, volta a publicar Lugar do Conto. Com algumas modificações: breves comentários sobre livros, cartas, publicação de pequenos contos para a consideração do principiante, variações dessa ordem que, em regime de eventualidade, aparecerão ao longo das semanas, sempre no *intuito de subsidiar quem se inicia nessa área da literatura*: é o propósito da coluna, a par daquele recibo do material recebido, noticiar o encaminhamento para publicação ou os motivos da recusa. (02/09/1978)

De qualquer forma, o Caderno “evoluiu” para um conceito mais abrangente da Evolução, e chega hoje à sua forma final com nomes das mais diferentes áreas participando de sua relação de autores.

Acreditamos, assim, *estar contribuindo de forma aberta para a discussão de conceitos* que, elaborados há mais de cem anos, ainda hoje suscitam alguma polêmica. (24/02/1979)

“Subsidiar quem se inicia nessa área da literatura” e “discussão de conceitos” são, portanto, formas de incentivo à arte, seja através do “subsídio” a artistas iniciantes, seja através do debates sobre obras. Dessa forma, coloca-se como um agente que, ainda que externo ao campo da produção cultural, contribui para alavancar a carreira de quem nela inicia ao mesmo tempo que fomenta a interpretação dos produtos culturais.

Mediador é outra função que o *Caderno de Sábado* parece chamar para si nos textos aqui analisados. Neste grupo de sentidos, o suplemento se coloca como um veículo que intermedeia a relação do público com determinados bens culturais, em geral se auto-nomeando como uma instância didática.

Para funcionar como suporte dessa mostra [do arquiteto J. N. B. De Curtis], cuja validade e importância desde logo compreendemos, foi que encampamos a idéia de *facilitar o entendimento* dos visitantes através do catálogo que, a partir de hoje e em cinco sábados consecutivos, vai, em nosso Caderno, publicado. (05/05/1973)

Recentemente, no âmbito da Igreja Católica, houve manifestações pró e contra o movimento “Adveniat”, por parte de agrupamentos de “cristãos para o socialismo”. O “Caderno de Sábado” acha oportuno, por isso mesmo, *levando-se em conta o eventual desconhecimento por parte do grande público do que seja esta disputa, a publicação desde documento*, aliás ligado à América Latina. (15/04/1978)

Nas sequências reunidas nessa formação discursiva transparece o sentido de que o *Caderno de Sábado* atua – ou pelo menos assim pretende – como mediador entre a arte e a cultura e o público, pois dá a conhecer, dá visibilidade a expressões artísticas e



literárias que, de outra maneira ou em outros espaços, pouco provavelmente receberiam tal atenção.

Finalmente, a sexta e última formação discursiva identificada nesta análise, foi denominada *Colaboradores consagrados*. Ela reúne, em seu núcleo de sentidos, sequências discursivas que apresentam os colaboradores do suplemento como personalidades já consagradas no campo de produção artístico-cultural.

Na sede da Ari, quarta-feira última, a Cia. Jornalística Caldas Júnior reuniu cerca de cem *intelectuais e artistas* do nosso Estado, todos colaboradores do Caderno de Sábado, para alguns momentos de cordial convívio “algo tão raro em nosso meio”, como disse Osvaldo Goidanich, oferecendo a festa. (26/10/1968)

[Breno Caldas] Disse da satisfação com que a Cia. Jornalística Caldas Júnior acolhia, naquele instante, o seu *seleto grupo de colaboradores*, com eles comungando do mesmo anelo de servir às lides do espírito e de criar sempre melhores condições para o desenvolvimento das letras e das artes do Rio Grande do Sul. (04/10/1969)

O sentido que transparece nesses trechos é de que colaboram com o *Caderno de Sábado* artistas e intelectuais de grande relevância no campo de produção erudita local. Nesse movimento de enfatização do *status* de seus colaboradores, parece haver um esforço do *Caderno* em tomar para si o prestígio daqueles que têm seus textos publicados.

Agrupando os nomes mesmos das formações discursivas detectadas por meio da Análise de Discurso francesa como referência e método de estudo, pode-se concluir que o *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo* tratava de deixar transparecer nos textos em que falava de si uma imagem de um *Caderno de bom gosto*, com *bons temas*, tratados de maneira adequada por um *suplemento de qualidade*, em textos escritos por *colaboradores consagrados* no campo de produção cultural. Exercia, então, dois principais papéis: *mediador* entre as letras, humanidades e artes e o público leitor; e *incentivador* do campo artístico, tanto de novos talentos como de debates.

6 Considerações finais

A partir das características predominantes do *Caderno de Sábado* e de seu discurso sobre si mesmo, é possível perceber, então, uma tendência em enunciar-se como um suplemento de prestígio e, assim, posicionar-se como um lugar de distinção. Esta, por sua vez, é rateada entre os agentes envolvidos no suplemento. O *Correio do Povo* aproveita-se dessa nova dimensão tomada pelos temas culturais em seu encarte



semanal para reforçar a mítica ao redor de si que vinha construindo desde sua fundação com outras estratégias, como o incentivo à produção artística e a vinculação de seu nome a intelectuais locais.

Se pensarmos que o *Caderno* não trazia nenhum retorno publicitário e, em muitos casos, nem pagava pelas colaborações, podemos perceber facilmente que era um suplemento que, como ressalta Isabel Travancas (2001), não trazia nenhum tipo de retorno financeiro ao jornal, somente lhe agregava prestígio ao mesmo tempo que abria espaço para a intelectualidade local publicar seu trabalho e trazia a Porto Alegre textos que dificilmente chegariam se não houvesse um suplemento dessa natureza.

Ao textualizar a realidade do campo artístico-cultural, reforçando consensos através da divulgação de artistas já consagrados e ancorado em sua credibilidade (e também naquela do *Correio do Povo*), o *Caderno de Sábado* se colocava como possuidor de distinção ao chamar para si a responsabilidade de divulgação e incentivo no campo de produção artístico-cultural. Erudito, refinado e, por isso, em posição dominante, o suplemento assumiu um poder de nomear e reconhecer que, dentro do contexto em que estava – vinculado a um jornal – parecia conferir ao *Correio* esse mesmo poder, numa dupla concessão de prestígio.

Referências

- ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ et al. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- BENETTI, Marcia. Análise de discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; _____. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- _____. **O poder simbólico**. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CARDOSO, Everton; GOLIN, Cida. Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do *Caderno de Sábado* do *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1969). **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 137-151, dez. 2009.
- CARVALHAL, Tania Franco. Guilhermino Cesar: do efêmero ao permanente. In: CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande: literatura**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; UFRGS, 1994.



CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FARO, J.S. **Jornalismo cultural**: espaço público da produção intelectual. São Bernardo do Campo, 2003. Disponível em: <www.jsfaro.pro.br/downloads/projeto%20jornalismo%cultural.doc>. Acesso em: 16 jan. 2006.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2990

GALVANI, Walter. **Um século de poder**: os bastidores da Caldas Júnior. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (orgs.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itáu Cultural, 2010.

LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. **Suplemento literário, que falta que ele faz!**: 1956-1974 do artístico ao jornalístico, vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? In: **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. Beira Interior: UBI, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>> Acesso em: 21 jun 2007.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal**: da forma ao sentido. Organização: Sérgio Dyrell Porto. 2. ed. Brasília: UnB, 2002.

RIVERA, Jorge. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

SANT'ANNA, Affonso Romano. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil. In: DINES, Alberto (org.). **Espaços na mídia**: história, cultura e esporte. Brasília: Banco do Brasil, 2001. p. 36-49.

SANTIAGO, Silvano. **O cosmopolitanismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SILVA, Wilsa Carla Freire da. **Cultura em pauta**: um estudo sobre o Jornalismo Cultural. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.